

WANDA HANKE E O ESTUDO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS NO BRASIL

Beatriz Furlan Toledo
(IEL/UNICAMP – Mestrado)

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA
<p>Beatriz Furlan Toledo Possui graduação em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Em sua pesquisa de Iniciação Científica financiada pela FAPESP trabalhou com o mito de origem Xokleng registrado por Wanda Hanke. Atualmente é bolsista CAPES e pesquisa a família linguística Jê, do tronco linguístico Macro-Jê. Mestranda em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP). E-mail: bfurlantoledo@gmail.com. CV: http://lattes.cnpq.br/2180604672755641</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>Este artigo busca apresentar a trajetória da pesquisadora austríaca Wanda Hanke e a sua importante contribuição para os estudos tanto linguísticos, quanto etnográficos dos povos indígenas na América do Sul, com foco especial para sua contribuição com registros entre os povos indígenas no Brasil. Durante as décadas de 30 e 50, Hanke esteve entre muitos povos indígenas brasileiros, registrando informações que foram e ainda são materiais muito importantes para o conhecimento linguístico e também cultural desses povos. A pesquisadora trabalhou em parceria com alguns linguistas e historiadores e foi uma das poucas mulheres que se arriscaram em uma área que até então era predominantemente ocupada por homens. Enfrentou muitas dificuldades ao procurar apoio e financiamento para suas expedições, buscando recursos e viajando por conta própria. Além de apresentar as adversidades que o cenário científico impunha às mulheres naquele período, busca-se, nesse artigo, mostrar algumas reflexões sobre a linguagem, sob um ponto de vista com pouquíssimo espaço no século XX.</p>	<p><i>This article pursues to present the trajectory of the Austrian researcher Wanda Hanke who has contribute enormously to both linguistics and ethnographic studies of the indigenous people from South America, with special attention to the studies among indigenous people in Brazil. During the 30s and 50s, Hanke was among many Brazilian indigenous people, registering information that were and still are important to the linguistic and cultural knowledge of these people. Wanda Hanke has worked in partnership with some linguists and historians and she was one of the few women that has taken the risk to work in an area that was until then predominantly occupied by men. She has been through lots of obstacles to find financial support to her expeditions. However, these difficulties have not stopped her; she made her expeditions by herself and found other ways to fund her costs with travelling. Besides presenting how difficult was to a woman be in the scientific scenario in the twentieth century, there is in this article also an intent to show some reflections about the language that were not seen before, since the space to the women was very small in that time.</i></p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Wanda Hanke; Línguas Indígenas; Mulheres na Ciência.	Wanda Hanke; Indigenous Languages; Women in Science.

INTRODUÇÃO

Wanda Hanke foi uma viajante e pesquisadora austríaca que passou os últimos vinte e cinco anos de sua vida dedicando-se ao estudo de grupos indígenas da América do Sul, como os Matakó, Toba, Caingua, no norte da Argentina, os Guayaki, no Paraguai e os Botocudos de Santa Catarina no Brasil. As longas viagens de campo que realizou resultaram em coleções de artefatos, narrativas, descrições de línguas e alfabetos que compõem um rico acervo de conhecimento sobre diversos povos.

O primeiro registro da presença de Wanda Hanke no Brasil data de julho de 1933. Trata-se de um ofício enviado ao Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil (CFE), pela legação da Áustria, comunicando a vinda de uma expedição científica ao Brasil, organizada e chefiada por ela, com o objetivo de explorar regiões desconhecidas dos rios Xingu, Tapajós e seus afluentes para fazer pesquisas étnicas, sociológicas e linguísticas. A autorização para realização dessa expedição foi negada pelo Conselho de Fiscalização (SOMBRIÓ, 2014).

Em 1940, Wanda Hanke enviou um novo pedido ao Conselho, dessa vez a fim de realizar uma expedição para estudar indígenas na Ilha do Bananal e na região do Rio Araguaia e, novamente, a licença foi negada. A negação da licença do Conselho de Fiscalização lhe causou dificuldades, mas certamente não a impediu de realizar suas viagens, uma vez que ela publicou diversos artigos na revista do Museu Paranaense.

Wanda Hanke teve contato com diversas áreas indígenas no Sul do Brasil, publicando vários trabalhos sobre os Kaingang e os Xokleng. O “Vocabulário del dialecto Caingangue de la Serra do Chagú, Paraná”, publicado pelo Museu Paranaense em 1947, é resultado da visita da pesquisadora, em 1940, à aldeia do Chagu, no antigo Campos das Laranjeiras, na área atualmente conhecida por Rio das Cobras (Sudoeste do Paraná). Trata-se de uma transcrição cuidadosa e, no geral, de boa qualidade (D’ANGELIS, 2003: 33). Da mesma forma, realizou pesquisa entre os Kaingang do Posto Indígena Apucarana, entre fins de 1947 e início de 1948, resultando no “Ensayo de una gramática del idioma Caingangue de los Cainganges de la ‘Serra de Apucarana’, Paraná, Brasil”. Neste estudo, Hanke apresenta a gramática propriamente, tendo como ponto de partida o “Alfabeto”, em que se dá uma descrição fonética bastante acurada dos sons e da representação adotada (D’ANGELIS, 2003: 35)

Atualmente, no Brasil, encontramos mais referências sobre os estudos de linguística indígena de Wanda Hanke do que estudos antropológicos, indigenistas ou que analisem as coleções de peças etnológicas que ajudou a formar. Liener (2010) afirma que mais do que qualquer outra coisa, ela produziu listas de palavras de línguas indígenas com suas traduções equivalentes em português, espanhol e alemão. Deixou muitas dessas

listas com colegas linguistas, sendo um deles o bem conhecido linguista norte americano Morris Swadesh, com o qual mantinha contato por escrito. Esta relação mostra que seu trabalho tinha valor científico, mesmo que não fosse perfeito.

Hanke publicou em alemão, inglês, espanhol, português e checo, em vários países. Seu principal objetivo profissional era registrar a existência de povos ainda desconhecidos. Queria documentar as sociedades, os idiomas e a cultura material de diversas tribos indígenas que ela acreditava estarem correndo risco de desaparecer. Esse material constituiria uma valiosa fonte de informações sobre esses povos no futuro (SOMBRIO, 2014).

Wanda Hanke foi uma das já não tão poucas mulheres que na primeira metade do século XX se aventuraram em expedições pela América do Sul (SOMBRIO, 2014). Sem filiação institucional, articulando atividades científicas e comerciais, reunindo e vendendo coleções, escrevendo artigos científicos, fotografando e registrando suas viagens, Wanda Hanke circulou por territórios de diferentes nações indígenas. Apesar de ter colaborado com diferentes museus, publicado diversos artigos e proferido conferências sobre os povos que conheceu, no Brasil, ela ocupou uma posição marginal entre os antropólogos de sua época, pois não possuía um treinamento antropológico oficial.

1 CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DE LÍNGUAS INDÍGENAS

São inúmeras as peças e fotografias fornecidas por Wanda Hanke que compõem hoje o acervo etnológico do Museu Paranaense, em Curitiba e contribuem com o conhecimento acerca de aspectos dos povos indígenas com os quais teve contato.

Como pesquisadora convidada, ela está entre os principais autores de publicações de artigos na Revista Arquivos do Museu Paranaense no período de 1941-1953, na área de antropologia.

Wanda Hanke contribuiu para uma análise descritiva e comparativa da fonologia do Kanoé, idioma tupí do Rio Mequéns, afluente do Guaporé, no Brasil. O ensaio *Notas de fonologia Mekéns*, publicado em 1958, de autoria de Wanda Hanke, Morris Swadesh e Aryon Dall'Igna Rodrigues se baseia num vocabulário recolhido por Hanke em 1949. Trata-se do primeiro material publicado sobre esta língua. A análise foi feita por Hanke em colaboração com Swadesh e a parte comparativa foi realizada por Swadesh e Rodrigues.

Ela também contribuiu para estudos etnográficos e linguísticos do povo Jorá¹ com uma lista de palavras coletadas por ela e que foi publicada em 1959. Foi a primeira

¹ HANKE, Wanda. (1959). Neznámý indiánský kmen na jezeře Jorá v Bolívií. Československá ethnografie, n. 7, p. 146-156.

pesquisadora a comparar o Jorá às línguas Tupi-Guaraní e Baure (Arawakan). Seguindo suas pesquisas, Loukotka (1963) identificou o Jorá como uma língua Tupí-Guaraní sem nenhuma especificação adicional.

Uma lista de vocábulos registrada por Hanke² foi uma das duas únicas evidências linguísticas da língua Ofaié utilizada no trabalho de Gudschinsky (1974) *Fragments de Ofaié: A descrição de uma língua extinta*.

Hanke publicou diversos trabalhos pelo Museu Paranaense, dos quais se destacam o i) *Vocabulario del Caingangue de la Serra do Chagú*, contendo lista lexical e frases de uma variedade Kaingang do Paraná; ii) *Apuntes sobre el idioma caingangue de los botocudos de Sta. Catarina*, uma valiosa fonte de informações sobre a língua dos Xokleng, com vocabulário, frases, notas gramaticais e um mito de origem deste povo, transcrito na língua indígena e acompanhado de tradução livre em espanhol (falaremos desse artigo mais detalhadamente na seção 2) e iii) *Ensayo de una gramática del idioma Caingangue de los Cainganges de la "Serra Apucarama", Paraná, Brasil*, no qual apresenta a gramática propriamente, tendo como ponto de partida o 'Alfabeto' em que se dá uma descrição fonética bastante acurada dos sons e da representação adotada.

Apesar de ter reunido coleções etnográficas para diferentes museus, publicado diversos artigos sobre os povos que conheceu e proferido inúmeras conferências sobre seus estudos, no Brasil, ela ocupou uma posição marginal entre os antropólogos de sua época, pois não possuía um treinamento antropológico oficial e seus trabalhos nunca foram desenvolvidos dentro dos locais mais comuns onde se produzia a ciência oficialmente, como os museus e universidades. Ela pesquisava por conta própria e negociava os artefatos que recolhia, assim como os textos que escrevia, estabelecendo, eventualmente, vínculos informais com diferentes instituições (SOMBRIO, 2014).

2 A LÍNGUA SOB UM OLHAR DIFERENTE

Em seu artigo *Apuntes sobre el idioma caingangue de los botocudos de Sta. Catarina*, publicado em 1947 no sexto volume dos Arquivos do Museu Paranaense, Wanda Hanke traz reflexões de certo modo, subjetivas, que colocam a língua registrada por ela (Xokleng) sob uma nova perspectiva.

Uma reflexão de Hanke (1947) que chama a atenção foi sua nota sobre a palavra *aktumoa* que a autora traduz como "menina", "moça" na seção do vocabulário

² HANKE, Wanda. (1964). *Völkerkundliche Forschungen in Südamerika*. Kulturgeschichtliche Forschungen, 11. Braunschweig: Albert Limbach Verlag

denominada “pessoas”, mas que também traduz na seção que chama de “o verbo e algo de sua gramática” como “nós temos”. A autora relembra o termo na língua Guarani, que também está relacionado à posse:

Fez-me pensar porque uma das palavras que significam “menina”, “moça” é *aktumoa* = “nós temos”. Recordei-me do Guarani. Nesse idioma a palavra para “esposa” é *ñembirekó* que significa “o possuído”, “aquilo que possuo (possuí)”. Algo nesse estilo parece acontecer em Caingangue (Xokleng). A “moça” = “aquilo que temos/possuímos”. Agora, bem, há duas explicações possíveis: 1. A moça é considerada como propriedade da família, tem o valor daquilo que se possui e se cuida. 2. Algumas moças específicas são para todos, não pertence exclusivamente a um homem, ao esposo, mas sim a todos; isso explicaria a forma plural – “temos”. Prefiro a segunda explicação (HANKE, 1947, p. 72, tradução minha)³.

O termo *aktumoa* do Xokleng que Hanke traduz como “nós temos”, provavelmente trata-se da frase:

(1) ãg tu① mu①

1PP ter Aspecto Perfectivo

Na mesma seção, Hanke apresenta os termos *endjumoa*, *atuma* e *tituma* traduzidos respectivamente como “eu tenho”, “tu tens” e “ele tem” que seriam em Xokleng:

(2) e①nh tu① mu①

1PS ter Aspecto Perfectivo

(3) a tu① mu①

2PS ter Aspecto Perfectivo

(4) ti tu① mu①

3PSM ter Aspecto Perfectivo

Além de transcrever e apresentar uma tradução livre do mito de origem do povo Laklãñõ (Xokleng), Hanke (1947) faz algumas reflexões sobre ele: ela aponta que a presença de gigantes ocorre em mitos originários de muitos povos, como os gregos,

³ Me hizo pensar porque una de las palabras que significam “niña”, “muchacha” se llama *aktumoa* = “nosotros tenemos”. Pues me recordé del guaraní. En este idioma la “esposa” se llama *ñembirekó*, que significa: “lo tenido”, “lo que tengo (he tenido)”. Algo en el estilo me parece *aktumoa* en caingangue. La “muchacha” = “lo que tenemos”. Ahora bien, hay dos explicaciones posibles: 1. La muchacha se considera como propiedad de la familia, como un valor que se tiene y se cuida. 2. La muchacha, refiriéndose a ciertas muchachas, es para todos, no pertenece exclusivamente a un hombre, al esposo, sino a todos; así se explica el plural – “tenemos”. Me inclino a la segunda explicación (HANKE, 1947, p. 72).

germanos e alguns dos povos orientais. A autora também observa no mito Xokleng a existência de um dilúvio como forma de extermínio da primeira geração humana do povo, o que é recorrente em diversos mitos genéticos de povos indígenas e não indígenas (ELIADE, 2000):

A felicidade amorosa e as festas celebradas na Serra Kreiungugn encontram seu fim com o extermínio dos primeiros homens. Sobre a forma pela qual ocorre esse extermínio podem restar dúvidas. Quem é Goyochá? Um gigante violento que junto com seus companheiros destrói toda a geração dos primeiros homens? Ou ele simboliza uma horrível força natural que causa a morte da humanidade? Inclino-me à segunda alternativa, pois Goyochá significa “água negra”. Parece-me que ele é o símbolo do dilúvio, que – como tantas tradições antigas, divulgadas por todo o mundo – extermina a primeira geração humana (...) (HANKE, 1947, p. 96, tradução minha)⁴

A autora apresenta novamente a questão do lugar da mulher na sociedade quando fala sobre o mito originário Xokleng não trazer informações sobre a criação da mulher e como isso ocorre em todos os mitos de diferentes povos:

Inútil perguntar como se forma uma nova geração sem mulheres, pois o poema não menciona as mulheres depois do extermínio. No entanto, nem mesmo antes as menciona, não diz que haviam saído da terra (da mesma forma que os primeiros homens). De repente elas estavam ali. Em várias mitologias genéticas, a criação das mulheres não é um problema. Elas surgem: ora de uma costela do homem, ora de um pau, de uma planta, etc. (HANKE, 1947, p. 97, tradução minha)⁵.

Essas reflexões foram feitas a partir da visão da sociedade ocidental em relação às mulheres, na qual Hanke estava inserida, sendo a única a qual tinha acesso. As reflexões poderiam não ser julgamentos adequados à cultura do povo Laklãnõ, porém, a importância dessas observações é colocar em evidência uma crítica à sociedade dos

⁴ La felicidad amorosa y las fiestas celebradas en la Sierra Kreiungugn encuentran su fin con el exterminio de los primeros hombres. Sobre la forma de este exterminio puede haber dudas. ¿Quién es Goyochá? – ¿Un gigante violento que – junto con sus compañeros (...) – asalta y destruye toda la generación de los primeros hombres? – ¿O simboliza una horrible fuerza natural, causando la muerte de la humanidad?

Me inclino a la segunda alternativa; pues Goyochá significa agua negra. A mi parecer es el símbolo del dilúvio, que – como tantas tradiciones antiguas, divulgadas por todo el mundo – extermina la primera generación humana (...) (HANKE, 1947, p. 96).

⁵ Inútil preguntar cómo se forma una nueva generación sin mujeres; pues el poema no habla de mujeres después del exterminio. Pero tampoco dice antes, que las mujeres habían salido de la tierra. De repente las había. En varias mitologías genéticas la creación de mujeres no es un problema. Se las hace: ora de una costilla del hombre, ora de un palo, de una planta, etc. (HANKE, 1947, p. 97).

brancos e não à visão do povo Laklãnõ sobre as mulheres propriamente. Essa leitura, assim como outras feitas por Hanke, talvez não teria sido feita por um dos muitos viajantes que deixaram registrados materiais sobre os povos indígenas no século XIX e XX. Sendo a autora mulher, ela coloca em evidência alguns aspectos culturais e linguísticos relacionados às mulheres, em uma época na qual reflexões sobre gênero não eram tão difundidas e o papel feminino na sociedade ainda era totalmente vinculado ao sistema patriarcal.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apresentação da trajetória de Wanda Hanke, no presente artigo, permite o conhecimento de uma pesquisadora que registrou materiais importantes sobre línguas e culturas indígenas brasileiras em um período crucial, não muito tempo após as chamadas “pacificações” pelo Serviço de Proteção aos Índios. Nesse período, as línguas maternas ainda eram bastante vivas entre os povos indígenas e se encontravam fora do contexto bilíngue que vivem hoje, com o português.

Como se procurou mostrar no decorrer deste artigo, seus registros foram fontes importantes para vários estudos linguísticos, contendo também relevância etnográfica. Os trabalhos publicados por Hanke são, ainda hoje, boas fontes para pesquisas na área de linguística e antropologia indígena. Por proporcionarem acesso ao registro de línguas e culturas que até então haviam tido pouco contato com a língua dos colonizadores no período que foram registradas pela autora, os materiais deixados por ela são de extrema relevância. São fontes valiosas para comparações em relação a como essas línguas indígenas (as que ainda sobrevivem) se encontram hoje e também carregam informações históricas importantes para os próprios povos indígenas, como o registro de narrativas míticas e palavras que eram usadas em contextos culturais que hoje estão apagados.

Além disso, tomando como exemplo o histórico de Wanda Hanke, buscou-se trazer a discussão acerca do pouco espaço que era permitido às mulheres na ciência no século XX e sobre as grandes dificuldades que elas enfrentavam quando ousavam estar em expedições e pesquisas.

REFERÊNCIAS

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. (2003). **O primeiro século de registro da língua Kaingang (1842-1950): valor e uso da documentação etnográfica.** III Encontro Macro-Jê- Conferência de Encerramento. Brasília: UnB, dez.2003. Publicado em:

<http://www.portalkaingang.org/Primeiros100anos.pdf>

DANIELSEN, S.; GASPARINI, N. **News on the Jorá (Tupí-Guaraní): sociolinguistics, description, and classification.** Boletim Museu. Paraense Emílio Goeldi. Ciências humanas, Belém, v. 10, n. 2, p. 441-466, Agosto de 2015.

ELIADE, M. **Mito e realidade.** São Paulo: Perspectiva, 2000.

GUDSCHINSKY, S. C. **Fragmentos de Ofaié** - A descrição de uma língua extinta. Brasília: Summer Institute of Linguistics (Tradução de Miriam Lemle), Série Lingüística, 1974, nº 3, 1974.

HANKE, W. **Apuntes sobre el idioma Caingangue de los Botocudos de Sta. Catarina.** Brasil. Arquivos do Museu Paranaense, 1947, v. 6, p. 61-97.

HANKE, W.; SWADESH, M.; RODRIGUES A. D. **Notas de fonologia Mekens.** Miscellanea Paul Rivet Octogenario Dicata, 1958, p 187-217. XXXI Congreso Internacional de Americanistas, Universidad Nacional Autónoma de México.

HANKE, W. **Neznámý indiánský kmen na jezeře Jorá v Bolívií.** Československá ethnografie, 1959, n. 7, p. 146-156.

HANKE, W. **Völkerkundliche Forschungen in Südamerika. Kulturgeschichtliche Forschungen, 11.** Braunschweig: Albert Limbach Verlag, 1964.

LIENER, S. M. **Wanda Hanke (1893 – 1958) - Eine österreichische ethnologin in südamerika.** Diplomarbeit - Universität Wien: Áustria, 2010.

LOUKOTKA, C. **Documents et vocabulaires inédits de langues et de dialectes sud-américains.** Journal de la Société des Américanistes, 1963, n. 52, p. 7-60.

SOMBRIO, M. M. de O. **Em busca pelo campo: ciências, coleções, gênero e outras histórias sobre mulheres viajantes no Brasil em meados do século XX.** Campinas: IG-UNICAMP, 2014. (Tese de Doutorado).

Título em inglês:

WANDA HANKE AND THE STUDY OF THE INDIGENOUS LANGUAGES IN BRAZIL